REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

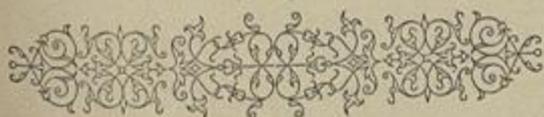
Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$-

10.º ANNO—VOLUME X—N.º 298

1 DE ABRIL 1887

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Exactamente no dia em que se publicou a nossa ultima chronica, no dia 21 de março, ás 9 horas da noite, Lisboa inteira foi alvoroçada pelo estalido alegre das numerosas girandolas de foguetes, que ha muitos dias e muitas noutes esperavam, pelas praças publicas, o momento festivo d'irem por esses ares acima, dar as suas tradiccionaes tres respostas.

O acontecimento ha tanto tempo e tão anciosamente esperado, chegava por fim.

Os foguetes annunciavam-n'o, e d'ali a momentos confirmava-o o troar da artilheria, porque apesar do sol ter desapparecido ha muito, as fortalezas deram a salva do estylo, participando assim á cidade que sua Alteza Real a princeza D. Amelia, acabava de dar á luz um filho, aquelle que um dia—muito tarde, mesmo muito, desejamol-o sinceramente—será chamado a reger os destinos de Portugal.

D'esta vez era certo.

Apesar de todos os rebates falsos, que até então tinha havido, as duvidas agora já não eram permittidas, e grande quantidade de pessoas se dirigiram immediatamente aos paços de Belem, umas chamadas alli por convite official, em virtude dos seus cargos sociaes, outras levadas ahi, por esse interesse sincero, que vem das sympathias profundas, que a graciosa e gentil duqueza de Bragança tem sabido conquistar no curto espaço de tempo que entre nós vive.

D'ali a nada corriam por toda a cidade os promenores da festiva noticia, que os foguetes e que as salvas da artilheria tinham communicado laconicamente.

De facto, Sua Alteza a princeza D. Amelia acabava de dar á luz um menino, que encontrou já á sua espera, n'este mundo, o titulo de principe da Beira, e o titulo de duque de Barcellos.

A princeza D. Amelia e o recemnascido estavam perfeitamente, as coisas tinham corrido o melhor possivel, e a familia real, e o paiz inteiro festejavam ao mesmo tempo o nascimento do novo principe e o bom successo da sua joven e augusta mãe.

N'essa mesma noite, o filho do principe real foi baptisado n'uma das salas do palacio de Belem, por S. E. o cardeal patriarcha de Lisboa, recebendo o nome de Luiz Filippe.

Depois, realizaram-se as festas annunciadas no programma official, tres dias de grande gala, illuminações, Te-Deum official na Sé, recepção no Paço da Ajuda, e recita de gala no theatro de S. Carlos.

No dia 12 do mez d'abril, deve realisar-se na capella real da Ajuda, a cerimonia da benção baptismal e imposição dos santos oleos, ao novo principe. Esse dia será tambem de grande gala.

Os festejos correram todos com grande animação e alegria: a noticia da *délivrance* de sua alteza a princeza D. Amelia, foi recebida e festejada em todo o paiz, com a alegria sincera com que se recebe e festeja uma boa noticia agradavel, e todas as festas officiaes foram realçadas por essa nota sympathica de alegria pessoal, que caracterisa, entre nós todas as festas da familia real portugueza e que lhe dá esse tom tão raro e tão significativo de verdadeiras festas de familia.

Devem lisonjear muito, tanto a familia real como a nação, esta perfeita communhão de sentimentos que existe profunda e inabalavel entre a côrte e o paiz, e no meio das luctas que agitam a Europa, no meio da effervescencia politica que lá fóra separa os reis dos seus povos e os povos dos seus reis, é profundamente caracteristico e consolador o que se passa em Portugal, estas relações tão cordeaes e intimas entre a familia real e o paiz, intimidade e cordealidade que são o melhor e maior elogio das qualidades do povo, que tanto sabe estimar o seu soberano, e das qualidades do soberano, que tão bem sabe fazer-se estimar do seu povo.

Esta sympathia, esta amisade, este interesse que todo o paiz tem pela familia real é incontestavel, e se o quizessem contestar, a prova frisante do que affirmamos, ahi está na recepção feita pelos portuguezes á Senhora Infanta D. Antonia.

Pode ainda dizer-se, nas festas officiaes, que é unicamente a festa em si e não o que ella significa, que attrae a multidão, que a interessa, que a faz collaborar n'essa cousa, que se chama regosijo nacional

D'essas festas pode dizer-se o mesmo que se diz das peças de espectaculo, que é a *mise-en-scène*, que chama o publico e não o poema.

Mas quando não ha essa *mise-en-scène?*

CARDEAL LUIZ JACOBINI, SECRETARIO DE ESTADO DE SUA SANTIDADE LEÃO XIII
FALLECIDO EM 28 DE FEVEREIRO DE 1887

E na chegada da Senhora Infanta D. Antonia não houve *mise-en-scène*, não houve grande espectaculo

El-rei D. Luiz foi buscar sua irmã ao Entroncamento, sem apparato algum, como um particular.

Não havia programma de festas, a artilheria não salvou, as tropas não saíram dos quarteis, nenhum apparato, abslotamente nenhum.

E entretanto todo o caminho que vae desde Santa Apolonia até a Ajuda, e não é tão curto como isso, estava cheio de gente, como se tratasse d'uma festa.

E effectivamente tratava-se d'uma festa puramente intima, uma festa de familia; e os portuguezes corriam a rua cheios de vivo interesse, de affavel sympathia, para matarem as saudades da sua irmã pela nacionalidade, que ha vinte e um annos andava ausente.

E não conheço festa mais solemne, mais tocante na sua simplicidade, do que essa festa que o povo de Lisboa fez á infanta D. Antonia no dia da chegada.

A alegria que se espelhava em todos os rostos, as lagrimas que brilhavam em muitos olhos ao verem aquella tantos annos ausente, a satisfação com que, depois de passar a carruagem, onde ia a infanta portugueza, se commentava, em todos os grupos, a belleza sympathica, distincta da gentil princeza, essa belleza que resistiu a todos os soffrimentos da doença, e ao decurso dos annos que tem passado; toda essa alegria expansiva e sincera, todas essas lagrimas de jubilo valiam mais que todas as illuminações officiaes, que todos os fogos de artificio, das grandes recepções pomposas.

E a infanta D. Antonia, profundamente commovida, sorria quasi a chorar, para este povo, que é seu irmão, ao entrar n'esta cidade que foi seu berço, e sentia rejuvenescer-se, parecia que a saude lhe vinha ás lufadas com as doces brisas do Tejo, que ha tanto tempo lhe não beijavam a fronte, nos raios dourados do nosso sol meridional, que na sua infancia se confundiam com os seus formosos cabellos louros; n'este ceo de Portugal, que lá de cima a acariciava suavemente, com o seu azul tranquillo e doce, como um terno olhar de mãe.

E a alegria profunda, que se lia no rosto formoso da infanta D. Antonia, transluzia tambem no rosto de el-rei D. Luiz, radiante de felicidade por tornar a ver junto de si a doce companheira da sua infancia, espelhava-se no rosto do povo, que sentia correr dos olhos as lagrimas sacrosantas das grandes alegrias, ao ver de novo aquella gentil creança d'outr'ora, *a sua menina*, como o povo lhe chamava a ella, na sua terna e amigavel linguagem, a ella e á outra, á irmã, a infanta D. Maria Anna, a essa infeliz princeza portugueza, que nunca mais tornou a ver a sua patria querida, e que dorme já o grande somno, lá bem longe, em terra estrangeira!

Mas não evoquemos agora recordações tristes, e entreguemo-nos todos ao prazer doce de festejar a chegada da infanta portugueza, congratulemo-nos com a familia real, congratulemo-nos com o paiz pelo regresso d'essa sua filha tão querida e tão illustre.

Faz de ha muito tempo parte das tradições lyricas do nosso theatro de S. Carlos, as operas novas virem sempre no fim das epochas. Não sabemos bem porque isto é, mas o que sabemos é que é assim ha muitos annos.

Quando o theatro está quasi a fechar é que a opera nova faz a sua apparição; algumas mesmo, como o *Conde Ory*, por exemplo, não tem dado mais que uma noite, e nos ultimos tempos só conhecemos duas excepções á regra, a *Aida* e o *Mephistopheles*, que subiram á scena coisa de dois mezes antes do theatro fechar.

Este anno a empreza de S. Carlos não quiz faltar á tradição, e se nos deu uma opera nova no começo da epocha, *O pescadores de perolas*, e outra opera nova no meio da estação, *Os Dorias*, a opera *d'obligo*, essa, seguiu a regra geral e subiu á scena quasi que nas antevesperas de se fecharem as portas.

D'esta vez, porem, a opera *d'obligo* ser dada tarde não prejudicou ninguem, nem a empreza, nem o publico: aquella não ganharia muito se a pozesse mais cedo, o publico não perderia nada em que ella se representasse mais tarde, até mesmo em que ella se não representasse, porque o *Simão Boccanegra* que antes do arranjo de Verdi não era grande coisa, depois do arranjo pouco ou nada ficou valendo.

O defeito d'esta partitura do grande maestro é sobretudo o ser extremamente fastidiosa.

O final do primeiro acto do *Simão* é notavel deveras, bonito tambem o duetto de barytono e soprano n'esse acto, e o quarteto que fecha a opera, mas francamente ouvir uma opera em quatro longos actos para só encontrar um trecho realmente bello, e dois trechos bonitos, é fatigante, e parece-se muito com a audição d'aquella celebre tragedia que se lê *lá dentro* no *Monde où l'on s'ennuye*, e que tinha um verso bonito.

O desempenho do *Simão Boccanegra* foi regular, muito bom mesmo por parte da sr.ª Bendazzi se notarmos que esta distincta cantora tomou conta do papel á ultima hora, em substituição da grande cantora Theodorini, affastada do theatro durante dez dias por uma bronchite funda.

Em summa o *Simão Boccanegra* não agradou nem desagradou: passou, e naturalmente não voltará n'outra epocha á nossa scena lyrica, do que não teremos saudades.

E o theatro está a fechar. No dia em que esta chronica sahir á luz publica haverá n'esse theatro uma grande festa excepcional que será como que o fecho brilhantissimo da *saison*, o beneficio de Helena Theodorini, a estrella da estação lyrica que termina.

N'essa noite Theodorini mostrará ao publico uma nova phase do seu extraordinario talento, cantando *malagueñas* e canções francezas, e nós, que já a ouvimos n'estes dois generos, podemos affiançar que o seu *successo* será enorme, e que a noite de 1 de abril marcará entre as mais notaveis da epocha lyrica.

Que assim seja!

Entretanto, do mesmo modo que na vida, n'estes dez dias que passaram nem tudo foram festas alegres em Lisboa e a chronica tem que registar uma solemnidade triste, as exequias solemnes que o partido regenerador fez celebrar em homenagem á memoria saudosa do seu illustre chefe, do illustre portuguez que em vida se chamara Fontes Pereira de Mello.

Essas exequias realisaram-se no dia 26 de março no templo de Jesus, em Lisboa, com uma extraordinaria concorrencia e com um brilho desusado.

A oração funebre foi feita pelo distincto orador sagrado o sr. Dr. Santos Viegas, prior da freguezia dos Martyres, e esteve á altura do seu grande assumpto: é o maior elogio que se póde fazer ao notavel orador.

Horas depois de realisadas as exequias de Fontes em Lisboa, a grande commissão regeneradora e muitos membros do partido partiram para o Porto, afim de assistirem ali ás exequias, que tambem por alma do seu saudoso e insubstituivel chefe, se realisaram no dia 28.

E tanto no Porto como em Lisboa essas exequias mandadas celebrar por um partido, tomam todo o vulto d'uma verdadeira solemnidade nacional, porque Fontes Pereira de Mello era muito mais do que o primeiro vulto politico do seu partido, era o primeiro vulto politico do seu paiz, e a sua memoria querida cada dia será mais gloriosa, e mais saudosa, a sua falta enorme mais sentida e mais deplorada!

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CARDEAL LUIZ JACOBINI

O cardeal Luiz Jacobini, fallecido em Roma no dia 28 de fevereiro ultimo, era, desde 1880, secretario de estado da Santa Sé, cargo para que fôra nomeado por sua santidade Leão XIII.

Luiz Jacobini, nasceu em Genzano, povoação situada a 18 kilometros de Roma, em 6 de janeiro de 1832, e era filho de paes honrados mas pobres, que, com grandes sacrificios poderam costear a sua educação ecclesiastica.

As suas virtudes e talento, valeram-lhe as sympathias de Pio IX, que o nomeou prelado domestico em 1860, e pouco tempo depois, secretario da congregação da *Propaganda Fide* na secção dos negocios do rito do Oriente.

Em 1874, foi elevado a arcebispo de Thessalonica *in partibus infidelium*, e nomeado nuncio em Vienna, cargo que desempenhou até outubro de 1880, resolvendo habilmente todas as questões inherentes a tão melindrosa commissão.

Leão XIII, tendo no maior apreço as qualidades excepcionaes de Jacobini, fel-o cardeal da ordem de Presbiteros da Santidade de Nosso Senhor e de Santa Maria da Victoria, no consistorio de 19 de setembro de 1879. Um anno depois elegeu-o successor do cardeal Lourenço Nissa, confiando-lhe o cargo de secretario de estado da Santa Sé Apostolica.

N'este cargo foram grandes os serviços que prestou á egreja catholica e ao pontificado.

São notaveis as negociações que entabolou com a Allemanha para restabelecer a paz religiosa no imperio germanico, tão profundamente perturbada por differentes causas; egualmente as suas relações com o governo da Russia para obter, quanto possivel, o respeito e a independencia da egreja catholica na Polonia; e os esforços que empregou com a Inglaterra para assentar solidamente a gerarchia ecclesiastica, questão que vem de longe, mas em que Jacobini conseguiu bastante.

Todos estes factos, revelam o profundo conhecimento que Jacobini tinha da situação da Europa em nossos dias, e os altos dotes diplomaticos do seu espirito, em saber conciliar tantos interesses que hoje se debatem contra a egreja e pontificado.

O modo como Jacobini correspondeu á confiança, que os papas Pio IX e Leão XIII n'elle depositaram, faz recordar a arte diplomatica de Gergorio *O Grande*, Leão X e Pio V.

Era o cardeal Jacobini administrador geral dos bens da Santa Sé, prefeito da congregação Lauretana, e membro das congregações da Inquisição, dos Bispos e Regulares, e do concilio e negocios ecclesiasticos estrangeiros.

Victima de longa e penosa doença socumbiu em Roma, sendo o seu funeral celebrado com grande pompa, na basilica de Santa Maria, com assistencia de todos os cardeaes que se achavam em Roma, corpo diplomatico acreditado junto da Santa Sé, uma deputação da sua terra natal e membros de sua familia.

ESPADA DE HONRA
OFFERECIDA POR EL-REI D. LUIZ
AO IMPERADOR GUILHERME

Acabam de se celebrar em Berlim as mais ruidosas festas para solemnisar o nonagesimo anniversario do nascimento do imperador Guilherme.

Todos os soberanos da Europa se fizeram representar n'aquella solemnidade por membros de suas familias ou altos funccionarios mais graduados.

Como representante do rei de Portugal e portador de uma espada de honra offerecida por el-rei D. Luiz ao imperador Guilherme, foi o general da primeira divisão militar sr. José Paulino de Sá Carneiro a Berlim, acompanhado pelos seus ajudantes srs. Castro Solla e Brito Cunha.

O sr. general Sá Carneiro foi recebido pelo imperador, que lhe certificou o alto apreço e sympathia que lhe merecia el-rei D. Luiz e a nação portugueza, folgando de manter com Portugal as mais cordiaes relações.

A espada de honra de que era portador o sr. general, foi justamente apreciada pelo imperador, tanto como a mais significativa offerta ao seu valor militar, como uma obra d'arte de inestimavel valor artistico, pela sua belleza e perfeição com que está executada.

E essa preciosa espada, que Lisboa mal poude ver na rapida exposição que d'ella fez no seu estabelecimento do largo das Duas Egrejas, os srs. Leitão & Irmão, que a nossa gravura, copia de uma photographia, representa.

Não nos consta que modernamente se tenha produzido no nosso paiz obra de ourivesaria mais primorosa que esta, e tanto mais nos deve orgulhar isto por sabermos que ella foi produzida exclusivamente por mãos de artistas portuguezes nas officinas dos já bem conhecidos ourives e joalheiros da casa real, os srs. Leitão & Irmão.

Isto nos é confirmado n'uma carta dos srs. Leitão & Irmão, que temos presente, e diz:

«... Cumpre-nos participar-lhe que essa peça encommendada por el-rei á nossa casa, foi feita nas nossas officinas, e que n'ella só trabalharam mãos de portuguezes.»

Sua magestade el-rei D. Luiz deu as primeiras indicações, por meio de um dezenho, para os copos da espada.

O punho é de tartaruga com uma espiral de ouro mate, cinzelado, encruzada de rubis e brilhantes, e os copos de ouro, representando palmas e louros, tendo ao centro uma braçadeira, onde, entre as scintillações de muitos brilhantes, se destaca um enorme rubi de alto valor. Superiormente, no botão, assente sobre as palmas, ergue-se a coroa imperial, toda de brilhantes, com a base em esmalte vermelho, circumdado por um largo annel de rubis e esmeraldas.

As guardas são lindissimas; d'um lado vê-se,

sobre palmas cravejadas de esmeraldas, uma aguia de brilhantes, que sustenta, n'uma das garras, o sceptro imperial, e na outra um globo de ouro. Do outro lado, em fórma de concha, nota-se um grande numero de rubis.

Os copos desdobram-se n'umas volutas, terminadas por dois brilhantes, e completam as guardas por um ramo, onde as palmas e os louros, entrelaçando-se, abraçam uma enorme saphira rodeada de brilhantes.

A bainha tem o bocal de ouro com uma tira de rubis, e o guarda-bainha tambem de ouro cinzelado. O gancho é formado por uma cabeça de leão, segurando um brilhante entre os dentes.

O peso do ouro empregado n'esta obra sobe a 600 grammas, e o numero das pedras preciosas é superior a 500, das de mais fino quilate.

A lamina, de fino aço, foi fabricada nas officinas do arsenal do exercito. É custosamente gravada, lendo-se de um lado *D. Luiz I, Rei de Portugal*, e do outro *Fabrica d'armas. Lisboa*, 1887. Este trabalho foi superiormente executado pelo sr. Cassiano Maia artista gravador em metaes, de grande merito, e aspirante a gravador da Commissão Geodesica.

A gravura que publicamos melhor completa a descripção que deixamos feita d'esta preciosa espada, dando uma idéa muito perfeita da sua belleza a quantos a não poderam ver no original.

ALFREDO MAIA, GOVERNADOR DE TIMOR, ASSASSINADO PELOS INDIGENAS

No dia 11 do mez findo recebeu-se em Lisboa um telegramma com data do dia 10, expedido de Suerabaia por via de Suez, que communicava o seguinte: «O governador de Timor foi assassinado pelos indigenas. Foram pedidos soccorros para Macau». Este telegramma que impressionou desagradavelmente o publico, ainda até hoje não foi desmentido, levando a crêr mais uma vez, que novidade ruim é sempre certa, apesar de não terem chegado ainda noticias mais circumstanciadas que esclareçam e confirmem o que o telegrapho transmittiu, no seu laconismo e indifferença com que, tanto transmitte as boas novas, como as noticias ruins.

Tudo leva, pois, a crêr que temos uma victima a lamentar, uma victima do dever e dedicação no serviço da patria, victima que cahindo aos golpes traiçoeiros dos indigenas, se levanta bem alto á veneração das gentes, porque representa mais um portuguez sacrificado á civilisação d'aquelles povos barbaros, lucta secular que tantas vidas tem custado, ora ceifadas pelas febres devastadoras do paiz, ora pelo braço armado dos seus habitantes contra o progresso e civilisação.

O capitão-tenente da armada Alfredo de Lacerda Maia fôra nomeado ha dois annos governador de Timor, e essa honrosa commissão que elle acceitou contente e cheio de esperanças no futuro do seu governo, não foi uma aspiração vã que satisfizesse unicamente o seu interesse pessoal ou a sua vaidade. Alfredo Maia teve a justa comprehensão d's deveres que lhe corriam no honroso mas arduo encargo que tomou, e d'ahi o emprehender reformas importantes para o desenvolvimento do paiz que fôra confiado ao seu governo, d'ahi o sustentar honrosamente o prestigio do nome portuguez entre aquellas gentes, repellindo valorosamente as suas aggressões e castigando os revoltosos que se insurgiram, restabelecendo a ordem e a segurança.

O seu proceder foi tão honroso que os commerciantes de Dilly lhe offereceram uma espada de honra, como justa homenagem a quem tão bem lhes sabia garantir os seus direitos contra a invasão dos revoltosos do interior.

Mas estes triumphos alcançados pelo valoroso official, a [illegible] victoria sobre o indigena, deixou represalias entre os naturaes que esperaram momento asado para se vingarem, e d'ahi r[illegible]ltou o assassinarem traiçoeiramente o governador Maia aproveitando a occasião d'elle ir a uma caçada e de se internar no matto, mais retirado dos seus companheiros.

É isto o que se diz por emquanto, pois faltam ainda os promenores circumstanciados do assassinato.

Alfredo de Lacerda Maia, nasceu em 1850 e sentou praça de marinha em 1867.

Em 1871 era guarda marinha e em 1875 primeiro tenente, sendo promovido a segundo tenente em 1884, e a capitão tenente em 1885 por occasião de ser nomeado governador de Timor.

Exerceu varias commissões sendo a ultima a de ir a Inglaterra assistir á construcção da corveta *Affonso d'Albuquerque*, das canhoneiras *Zaire* e *Liberal* e do rebocador *Lidador*.

Dotado de intelligencia pouco vulgar, tinha uma grande actividade e energica no cumprimento dos seus deveres, o que lhe dava um logar distincto entre os officiaes da armada, e a estima de quantos tinham a satisfação de o conhecerem.

Em muitos jornaes portuguezes se encontram artigos firmados pelo seu nome, sendo a maioria d'esses artigos, discripções de viagens, onde se revella grande observação e elegancia de phrase, o que tornava os seus escriptos extremamente atraentos.

O infeliz official era irmão do distincto medico Eduardo Maia. Deixa viuva e um filho de dez annos, que era, porventura, todos os seus elevos e esperanças.

CASTELLO DE POMBAL

A gravura que publicamos a pag. 77, copia de uma bella photographia que nos foi obsequiosamente offerecida pelo sr. Carlos Augusto de Souza Pimentel, representa o castello de Pombal, restos arruinados do feudalismo que passou, deixando a sua historia escripta n'essas vetustas muralhas de pedra, que como paginas de livros, tem ido pouco a pouco cahindo para os abysmos do nada, termo fatal de todas as cousas da terra.

O Castello de Pombal edificado no ponto mais elevado da villa de Pombal, é obra dos templarios a quem D. Affonso Henriques deu o senhorio d'aquellas terras em 1160, construindo-o D. Gualdim Paes, em 1181.

Parece que este Castello foi depois reedificado por el-rei D. Manoel, em razão de se vêr por sobre a porta principal as armas d'este rei encimadas pela cruz da ordem de Christo.

Este Castello constituiu uma das boas commendas da ordem dos templarios até que pela extincção das ordens, passou para a posse do estado.

O tempo tem arruinado as suas muralhas que se erguem crestadas pelo sol de sete seculos, sobre a montanha ao sopé da qual alvejam as casas da villa outr'ora opulenta, e hoje uma triste sombra apenas do seu passado glorioso.

Desde a invasão franceza que Pombal decahiu sensivelmente, pois que os invasores saquearam esta villa roubando tudo que encontraram de melhor, e que não era pouco, e incendiaram a povoação de que pouco se poude salvar.

Testemunha presencial dos ultimos dias do grande marquez de Pombal, parece que essa desgraça occorrida dentro dos seus muros, foi o prenuncio das grandes desgraças que se haviam de seguir para aquella villa e para todo o Portugal.

O conde de Castello Melhor senhor e alcaide-mór d'esta villa, alli se refugiou por muito tempo para escapar ás perseguições que lhe moviam os seus inimigos que o eram tambem de D. Affonso VI, de quem elle era seu principal válido e de quem fôra o grande ministro, que levantara Portugal do abatimento a que chegara.

Estas e muitas outras recordações historicas estão ligadas á villa de Pombal que não obstante chegou ao ultimo abatimento, no meiado d'este seculo.

N'estes ultimos vinte annos, porém, a villa de Pombal tem melhorado consideravelmente e entrado n'uma epoca mais prospera, mercê das vias de communicação que a tem posto em contacto com os principaes centros agricolas e commerciaes, permittindo-lhe desenvolver assim o seu commercio e a sua agricultura.

O seu castello é o monumento mais importante que lhe resta dos seus tempos aureos, e nós aqui archivamos o seu desenho, antes que o tempo faça desapparecer de todo o original.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

XXVIII

Inoculações perservadoras do mal rubro dos porcos e do carbunculo

Como em tempo escrevemos, o *mal rubro* dos porcos é produzido por organismos microscopicos. Os srs. Pasteur e Thuillier conseguiram attenuar o microbrio, que produz essa enfermidade, de modo que o animal inoculado com esse organismo attenuado e soffrendo por esse modo a doença benigna, fica inapto de contrair a virulencia d'esse mal, que para elle seria mortal.

Baseia-se, pois, sobre isto a vaccinação contra o mal rubro dos porcos, e contra o carbunculo, como adiante diremos.

Afim de communicar aos animaes uma enfermidade, que poderia ser grave n'alguns, é preciso sujeital os a duas inoculações perservadoras, fazendo-se a primeira com um microbio muito attenuado, o qual produz apenas uma febre de pouca importancia; e a segunda, decorridos 12 ou 15 dias, com um microbio mais virulento, o qual mataria os animaes que não estivessem preservados pela primeira vaccina. Todavia esta segunda inoculação apenas lhes produz uma febre de pouca intensidade e passageira. Os porcos assim tratados ficam refractarios ao mal rubro.

O liquido vaccinal está encerrado em tubos fechados com rolha, como se vê na estampa que acompanha esta descripção. Ha tubos para 25, 50 e 100 porcos. Todos elles teem lettreiro indicando que pertencem á 1.ª ou á 2.ª vaccina.

Para fazer a inoculação introduz-se por meio de uma seringa de *Pravaz*, representada tambem na nossa estampa fig. 1, uma porção de liquido sob a pelle dos animaes.

Eis como se opera.

Tira-se o fio de metal do pipo, que é ao mesmo tempo uma agulha agudissima; aparafusa-se o pipo sobre o canulo da seringa; tira-se a rolha ao tubo, tendo tido antes o cuidado de misturar, agitando o conteudo; e mergulhando o pipo no tubo, fig. 2, aspira-se o liquido, levantando devagar o embolo. Succede algumas vezes que na seringa, depois de cheia, existe uma bolha de ar, então é forçoso lançar novamente o liquido dentro do tubo e recomeçar a operação.

Cheia a seringa, colloca-se-lhe o cursor no numero 1 marcado na haste do embolo. Ao mesmo tempo os ajudantes seguram o porco, concervando-o deitado do lado esquerdo. O operador então introduzindo o pipo da seringa debaixo da pelle da coxa direita, fig. 3, carrega na base da haste do embolo e ejacula o liquido, e a operação está feita. Retira-se a seringa e volta-se o cursor em sentido contrario até ficar no n.º 2 e inocula se o segundo animal, e assim successivamente, havendo seringas que, estando bem cheias, são sufficientes para inocular 8 porcos. Com a pratica, diz Pasteur, pode applicar-se a inoculação a 150 porcos por hora.

D'ahi a 12 ou 15 dias faz-se o mesmo com a 2.ª vaccina, mas escolhendo a coxa esquerda.

Devem ser vaccinados os porcos, quando ainda são novos, porque quanto mais novos, melhor supportam a acção da vaccina. Os animaes atacados do mal não podem recorrer a este meio, que em certos casos lhes seria fatal. Nunca se deve vaccinar quando essa epizootia grassa.

O liquido deve, pois, ser introduzido debaixo da pelle no mais absoluto estado de pureza, por isso mesmo é necessario que a seringa não tenha servido a outra inocolução, para que se não introduzam conjunctamente com o liquido preservador, organismos nocivos.

Finalmente não se deve empregar a seringa com dias de intervallo sem uma purificação completa.

O liquido do tubo aberto não pode servir no dia seguinte.

O carbunculo é produzido por um organismo microscopio — bacteridia — que invade o sangue do animal, como já aqui explicámos, quando tratámos dos trabalhos de Pasteur.

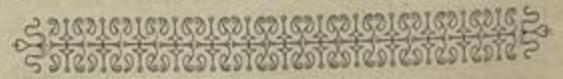
Chamberland e Roux, conjunctamente com Pasteur, conseguiram attenuar a virulencia das bacteridias do carbunculo, podendo assim fornecer uma vaccina que, produzindo a doença benigna, torna os animaes refractarios á doença mortal.

A pratica é a mesma, como dissemos na inoculação contra o mal rubro dos porcos.

Esta vaccina é applicada a carneiros, ovelhas, cabras, vaccas e cavallos.

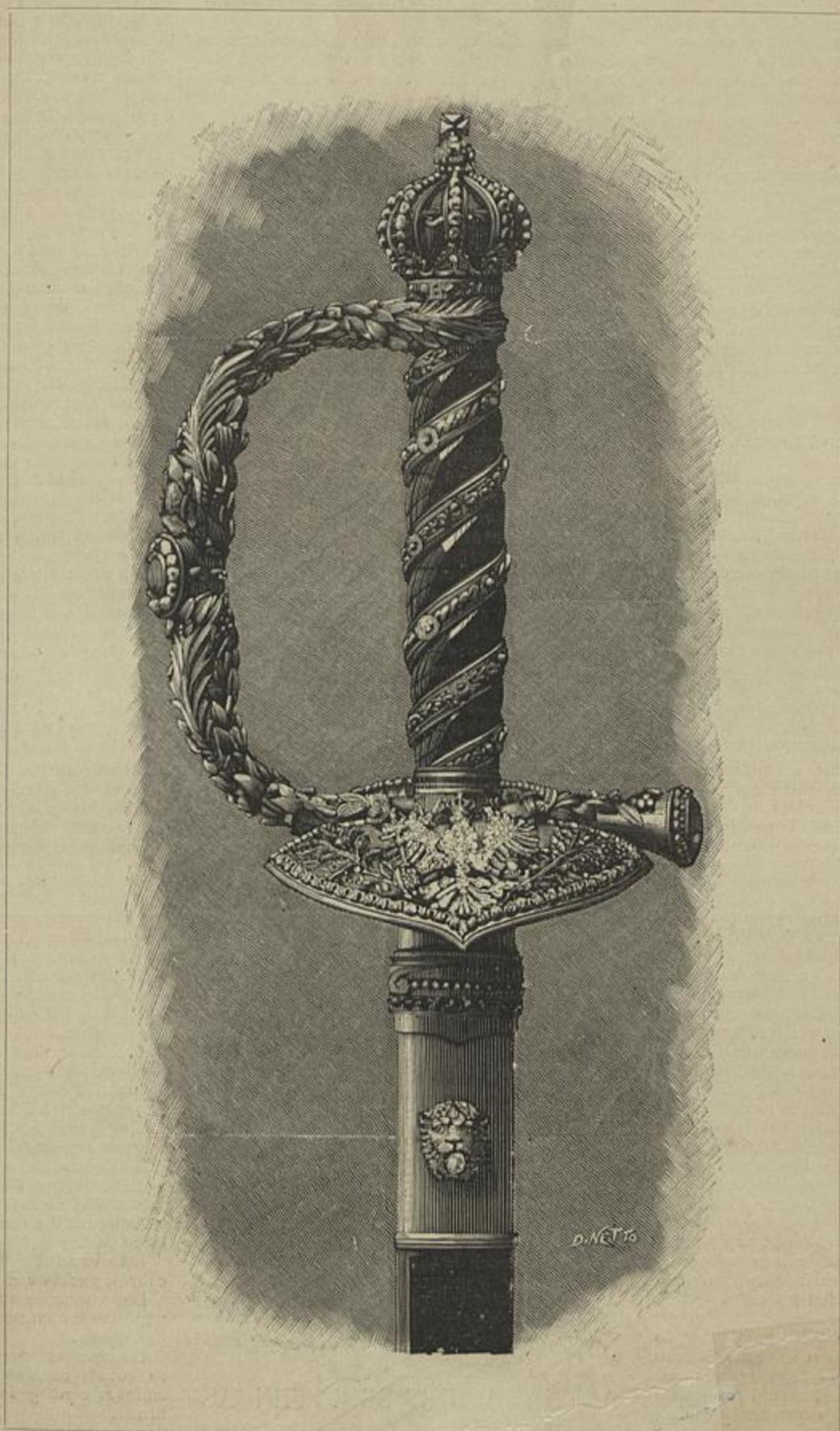
Deve notar-se que tanto os bois como as vaccas não manifestam nenhum tumor sensivel nas partes inoculadas.

Os cavallos apresentam alguns œdemas de que se curam rapidamente sem tratamento. N'estes animaes e no gado vaccum a dose deve ser dobrada.

João de Mendonça.

FONTES PEREIRA DE MELLO

VII

Os adversarios da Regeneração, que se tinham conservado silenciosos nos primeiros tempos, conhecendo qual seria a impotencia dos seus esforços, em presença da quasi unanimidade do movimento

e do applauso estrondoso que resoava em todos os angulos do paiz, começavam, como era natural, a tornar a si, a recuperar o animo, e a explorar os differentes elementos de opposição, que resultavam dos interesses feridos por tantas reformas importantes, das dissidencias que tinham lavrado infelizmente no seio do gabinete e de que resultára a saida de Garrett, e finalmente da tendencia natural que tem o povo em toda a parte para desejar a novidade, e para se fatigar, como em Athenas, de ouvir chamar justo a Aristides, e grande reformador a um ministro. Demais o ministerio não se recompozera, e estava reduzido apenas a quatro ministros: duque de Saldanha com a presidencia e a guerra, Rodrigo da Fonseca Magalhães com o reino e a justiça, Jervis de Atouguia com a marinha e os negocios estrangeiros, Fontes com a fazenda e as obras publicas.

Espada de honra offerecida por El-rei D. Luiz ao imperador Guilherme
(Segundo uma photographia de R..cchini)

A occasião era excellente para um ataque vigoroso, e, já que fallámos incidentemente na saida de Garrett, não podemos deixar de nos referir ao modo como esse grave acontecimento é referido pelo sr. Gomes de Amorim, no interessante livro que consagrou ao grande escriptor.

Não nos admira que o sr. Gomes de Amorim, por todas as razões, desejasse defender a memoria de Garrett, que nós tambem veneramos e respeitamos como poucos. Parece-nos porem que, defendendo Garrett, podia abster-se de ser tão cruelmente injusto com Fontes Pereira de Mello e com os seus outros collegas do ministerio.

«A historia julgará, diz o sr. Gomes de Amorim, entre o ministro demittido e os que não precisando já d'elle para fazer leis eleitoraes e bases e redacção do acto addicional, o expulsaram, talvez unicamente para adir a herança das grã-cruzes republicanas.»

Como era natural, a pessoa que escreve estas linhas procurou saber da boca do proprio Fontes Pereira de Mello a historia da demissão d'Almeida Garrett, e por essa narrativa podemos affiançar, com a absoluta confiança que temos na veracidade do

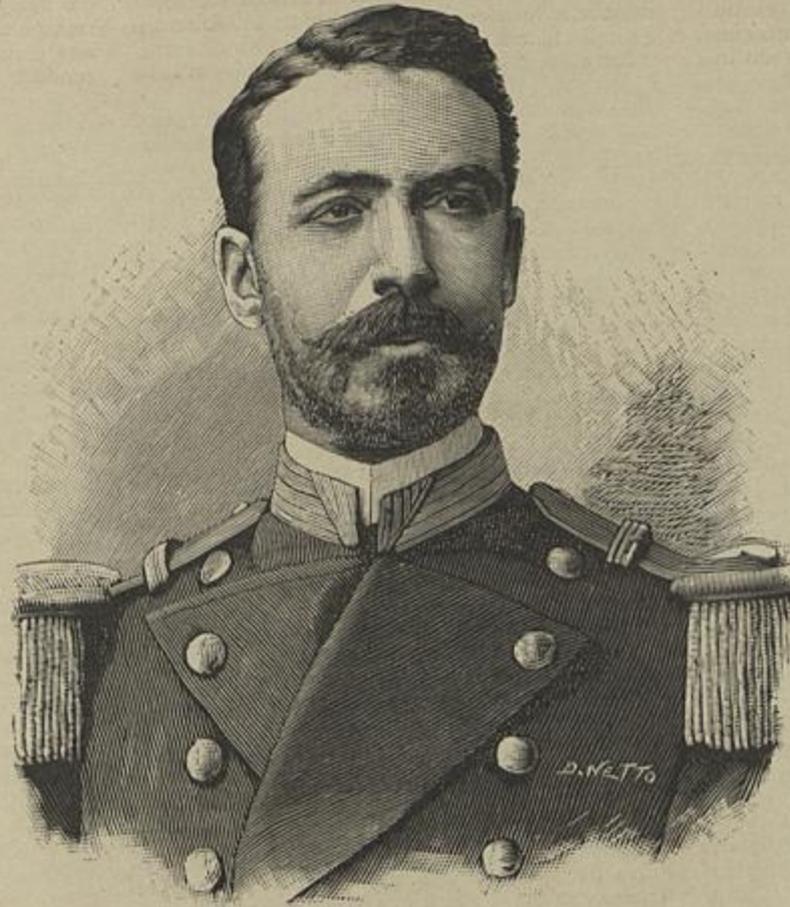
grande estadista hoje fallecido, que Almeida Garrett procedeu infelizmente com incontestavel leviandade.

E note-se que Fontes não se mostrava por forma alguma adverso a Almeida Garrett, e fallava na dolorosa surpreza que elle e Rodrigo tinham tido quando lhes foi manifesta a leviandade do seu eminente collega, leviandade realmente inconcebivel, porque nem a pode explicar o desejo ardente de obter a grã-cruz da Legião de Honra! Tinha tantas occasiões de a obter um ministro dos negocios estrangeiros!

Os factos, como Fontes os narrou a quem isto escreve, passaram-se da seguinte forma:

O tratado de commercio, negociado por Almeida Garrett com a França, foi submettido á apreciação da direcção das alfandegas, e o parecer d'essa entidade fiscal foi contrario ao projecto. Fontes, segundo nos dizia, nem fez nem deixou de fazer seu esse parecer, vio apenas que era adverso, e assignou o officio de remessa para o seu collega dos negocios estrangeiros.

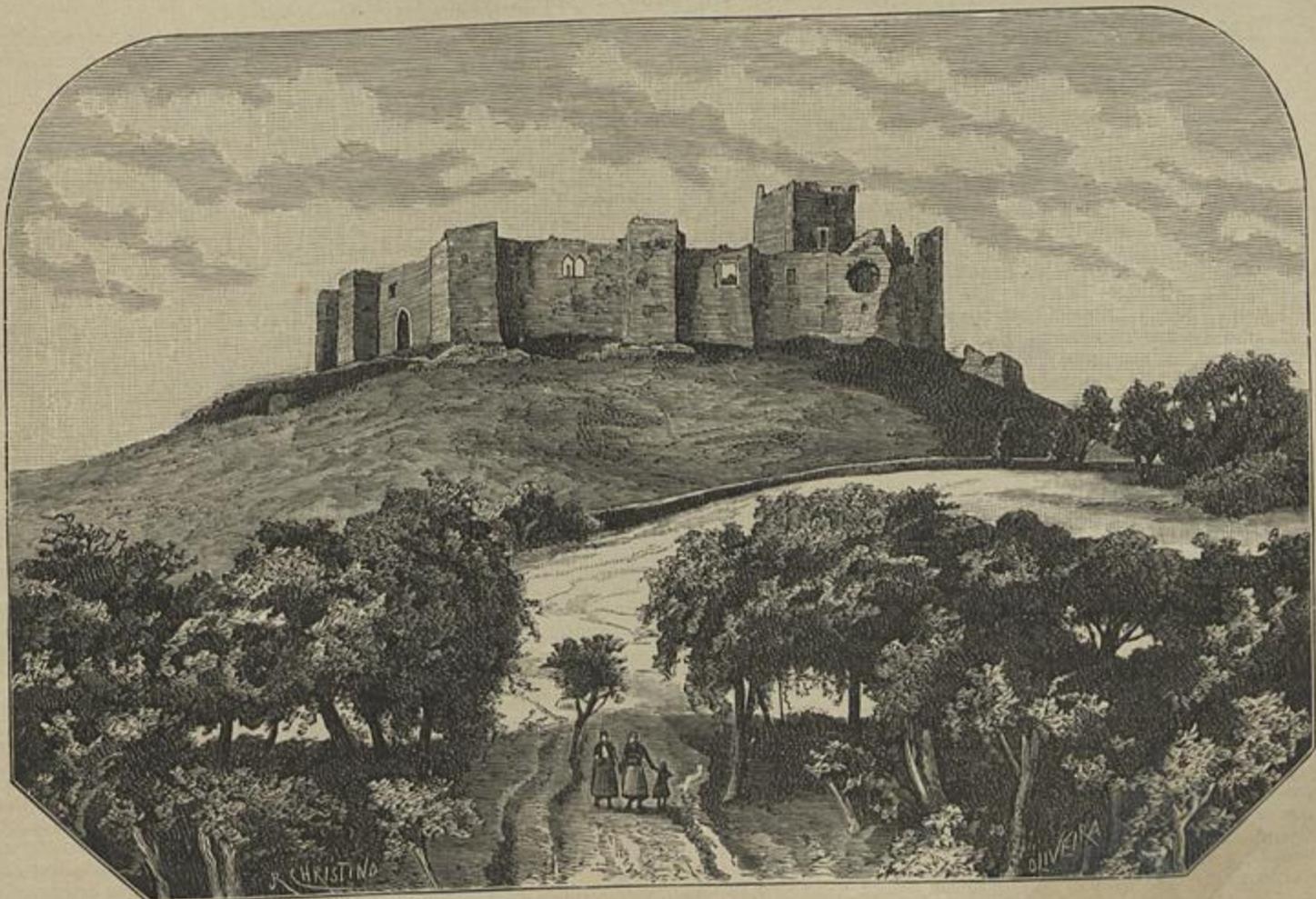
Era claro que esse negocio estava, *ipso facto*, destinado a conselho de ministros, e nunca ninguem se lembrou de resolver um negocio d'essa importancia, sem o levar a conselho. Por conseguinte a surpreza dos ministros foi extraordinaria quando viram que Garrett mandava a despacho, para ser assignado pela rainha, o decreto que lhe conferia os plenos poderes para assignar o tratado. Esse documento não teve a assignatura regia, e os restantes ministros não poderam acceitar a solidariedade d'esse acto do ministro dos negocios estrangeiros. D'ahi proveio a demissão, e a colera de Garrett.

Mas o que é curioso é que o sr. Gomes de Amorim conhecia esta versão, e isso não o impediu de ser cruel com os ministros que fizeram o que não podiam deixar de fazer. Eis as palavras do sr. Gomes de Amorim:

«Todavia, como o empenho de provar a innocencia do poeta me não faz esquecer da obrigação de ser justo com os outros, direi que n'este mesmo officio ha certo paragrapho que parece ter força accusativa contra elle. É o que affirma que o ministro da fazenda fizera seu o parecer do director geral da alfandega de Lisboa, no qual, longe de se julgarem proveitosas para Portugal as estipulações do contra-projecto, existente no ministerio antes da entrada do poeta, muito explicitamente declarou a inconveniencia de o levar a effeito. N'este caso era de dever do ministro dos negocios estrangeiros procurar a opinião dos outros collegas, e em conselho mostrar não haver fundamento no que de officio o sr. ministro da fazenda lhe havia communicado. Se isto foi assim, é o unico ponto em que Jervis tem razão.»

Pois foi exactamente assim, nem podia ser de outro modo, estando no ministerio homens como Fontes e Rodrigo, bastante leaes para não fazerem gratuitamente uma offensa mortal a tão glorioso amigo, e bastante habeis para não irem — só com o intuito de darem a Jervis de Atouguia a grã-cruz da Legião de Honra — lançar na opposição, e n'uma opposição indignada e violentissima, um parlamentar como Garrett.

«Se isto foi assim, diz o sr. Gomes de Amorim, *é o unico ponto em que Jervis tem razão.*» Mas, sr. Gomes de Amorim, esse ponto é o ponto essencial, e, se não estava certo de que era inexacto, como é que immolou nas aras d'essa memoria sacratissima outras memorias, e outras reputações que não eram menos dignas do seu respeito?

«Comtudo, accrescenta o sr. Gomes de Amorim, ou as objecções do ministro da fazenda não tinham fundamento, e n'este caso Garrett negociou bem, ou eram indestructiveis, e Jervis, assignando de-

O capitão tenente da armada Alfredo Maia, governador de Timor, assassinado pelos indigenas
(Segundo uma photographia de Fritz)

Castello de Pombal (Segundo uma photographia do photographo amador sr. Carlos A. de Sousa Pimentel)

pois o tratado, incorreu na mesma falta que tão indecentemente lançava sobre o seu antecessor.»

Como queria o sr. Gomes de Amorim que se recuasse n'essa questão? Depois d'um ministro portuguez ter empenhado a palavra do governo podia este retiral-a por acaso? Não acudiu logo Drouyn de Lhuys, dizendo que «o ministro dos negocios estrangeiros, investido n'essa qualidade da confiança da sua soberana, era legitimamente competente para negociar. E que tão convencido d'isso estava o representante em Lisboa do governo francez, que não lhe exigio o pleno poder...?»

Que se lhe podia responder? Que o ministro dos negocios estrangeiros não estava authorisado a tratar? que tomára uma resolução contraria á opinião dos seus collegas? que se apresentára por conseguinte revestido de poderes que realmente não tinha? Não produziria essa declaração um escandalo enorme? E, fazendo-a, não tinha o governo obrigação de proceder contra Garrett?

O acto do grande poeta foi uma simples leviandade. Prova-o o facto de mandar a Rodrigo da Fonseca Magalhães a pasta, em que ia tão importante documento, para elle o apresentar juntamente com outros decretos á assignatura regia. Vê-se que não ligou importancia ao parecer da direcção da alfandega, que suppoz que o ministro da fazenda tambem nenhuma importancia lhe ligára, e que entendeu que não valia a pena levar esse negocio a conselho. Mas os seus collegas, evidentemente, não podiam ser da mesma opinião, e, por muito que estimassem Garrett, não podiam deixar de reagir.

O que é triste realmente é que o sr. Gomes de Amorim, depois de argumentar como vimos, conclúa da seguinte forma: «De qualquer dos modos fica pouco limpa n'este assumpto a memoria dos que expulsaram Garrett do ministerio.» Como o sr. Gomes de Amorim não suppoz de certo que Fontes assignára de cruz tão importante deliberação, ia a sua reputação envolta no estygma. Fontes doeu-se; mas nunca de certo o percebeu o sr. Gomes de Amorim. Este mesmo livro, que o julgava cruelmente, foi por elle patrocinado do modo que todos sabem, e, se o acaso não tivesse feito com que ouvissemos da sua bocca a narrativa dos factos, passaria talvez em julgado a versão do sr. Gomes de Amorim, e a historia diria que Garrett foi expulso do ministerio pelo duque de Saldanha, Fontes, Rodrigo e Jervis, por motivos que deixam ficar pouco limpa a memoria d'estes ministros. Assim ao menos não passará, sem ir o nosso protesto appenso aos autos.

(Continúa) *Pinheiro Chagas.*

DOM TAROUCA

(Continuado do n.º 2;2

Entretanto, o filho gordanchudo e lambareiro remexia-se e esperneava no seu collo, arrenegado com fome, e principiava a choramingar rabugentamente, esgadanhando-lhe com os deditos sollicitantes o lenço cruzado no peito; e, para o contentar e calar, ella tirou do largo corpete um dos seios opulentos, e enfiou-lh'o na bocca mamona, como um pequeno ôdre leitoso picado pelas pulgas. Sim, emquanto a creancita se alimentava do seu corpo e, quasi sempre embrulhada na sua capucha maternal, apenas se vestia com um covado de panno crú, não lhe mettia temor a vida. Mas, espertinho e inquieto, o pequeno já andava de gatas, e, quando pela Festa completasse um anno, ter-se-ia em pé certamente. Tornou-se preciso espreitar o nebuloso futuro assustador; e passou muitas noutes em branco, nas torturas da sua previdencia angustiosa, a scismar na sorte d'ambos. Então, por entre os prantos suffocantes da sua paixão, martelou-lhe uma ideia na cabeça, terminante, cada vez mais clara; ella, desprotegida e sósinha, desprezada pela familia que a expulsára de casa, severamente, desde que falhou o ambicionado casamento reparador e rendoso, não poderia manter-se, nem cuidar do filho, atida aos escassos e incertos jornaes ganhos no trabalho dos campos; porém o Estevam, rico, recolhendo o bom dinheiro sonante ás mancheias, seria um pae malvado se, sem dôr nem remorso, se recusasse a sustentar o pobresinho. E decidiu-se a vir procural-o; e pisou animosamente os caminhos desconhecidos, trepando aos visos penhascosos dos montes, descendo ao fundo dos valles successivos, saltando as perigosas pôldras escorregadias das ribeiras, esfarrapada e descalça, como uma peregrina de legenda, mal ensinada pelos viandantes, que a vexavam de palavras infames, e chasqueada affrontosamente pelos carreiros bestiaes. N'alguns logarejos, mulherinhas bemfazejas esmoláram lhe tijelas de caldo, pedaços de borôa; e todas essas almas do Senhor, ouvindo curiosamente a sua desventura, se haviam compadecido d'ella, dando-lhe a razão, e incitando-a a impôr-se com afoiteza ao Estevam culpado.

A Delfina, assombrada e consternada, murmurou:

— Valha-me o anjo da guarda! Isso nun tem geito!

E, recobrando uma lucidez arteira, aconselhou-lhe que se accommodasse, supplicou-lhe mesmo que não provocasse qualquer desbocado escandalo chocalheiro, capaz de destruir de repente a estimação proveitosa, que o seu homem, mais ella, gosavam n'aquelles sitios. A outra meneava a cabeça negativamente, reservada, não se fiando na conciliadora intimidade da moleira, que buscou fascinal-a de vez com a promessa generosa de doze vintens, em solidos patacos, e d'uma rasa de castanhas, se ella desistisse da sua pretenção excessiva, e quizesse ir-se embora; e alludiu disfarçadamente ao mau genio do marido brigão, que não tardaria a voltar d'uma fazenda onde fôra botar as aguas. Então a Maruca riu-se azedamente; esses abundantes cobres tentadores não lhe chegariam sequer para mercar um avental de riscado; e, se tivesse d'acartar a carga inesperada das castanhas, regressaria á sua terra com o pescoço estorcegado. Ainda que a intimassem ameaçadoramente os meirinhos, e o regedor, e os cabos, ella não partiria sem alcançar, ao menos, o pão necessario para o alimento do seu filho.

Uma subita impaciencia irritou a Delfina. Afinal, confessava rasgadamente que, no seu entendimento, até as fartas dadivas, que offerecera á Maruca, eram demasiadas e indevidas. Não a enganára sómente a ella o Estevam; e, se ninguem mais ainda se tinha arrojado a reclamar mantimento para a variada canalhinha vagabunda, que se attribuia ás suas espaventosas e impunes aventuras de rapaz solteiro, não sabia com que privilegio o exigia a Maruca, arrogantemente, para o seu fedelho. E com um desabrimento desapiedado, de proprietaria desdenhosa que defende interessadamente os seus bens, sentenciou:

— Quem tem o juizo leve, peça ao diabo que o cure, e trate de bombas!

E quiz virar as costas, para se furtar á entrevista impertinente e arrelienta. Mas a Maruca, n'um pulo, agarrou-a com um vigor furibundo; e toda a sua fervente colera contida rebentou, impetuosamente. Escusava a serâ Delfininha d'escancarar as guellas como uma raia damnada, que ella não andava afeita a grandes medos, e unhas para arrebunhar, e mãos para distribuir latadas, tambem as tinha, e despachadas, e têsas! A espevitada baroleira já lhe escarrava bazofias na sua cara honrada, só porque o tunante do seu Estevam a levára á egreja, — graças a algum pavoroso remedio fabricado pelas benzedeiras, ou talvez ás ineluctaveis sortes lançadas pelas feiticeiras vendidas; mas estava muito enganada se, por isso, julgava ser mais do que as oitras! E batia o pé, raivosamente, e gritava que, apesar de miseravel e malafortunada, não consentiria que a ladra das maquías a espesinhasse.

Esperando tapar-lhe a bocca, a moleira enfiada observava com um amarello risinho que, se a Maruca não fosse uma lastimavel mulher perdida, e de reles casta, havia d'envergonhar-se d'armar assim tamanha bulha, descabelladamente; e apparentava um desprezo sobranceiro, comquanto as suas aggressivas palavras assobiassem um pouco por entre os dentes cerrados. Mais exasperada, ferida em cheio por este remoque esmagador, a Maruca bradou, com os beiços escumantes e exangues:

— De má sengue és tu, oh excommungada!

E logo, sem tino, uivantes, berrando esganiçadamente como se n'aquella occasião lhes arrancassem a pelle e os cabellos, ambas desataram n'um injuriarem-se á tôa, fréchando-se d'ameaças sangrentas, sem que, todavia, se tocassem com os gesticulantes punhos fechados, em vãos preparativos de murros. Caprichavam, sobretudo, em averiguar laboriosamente as suas baixas genealogias plebeias, serapintadas, remendadas d'essas chocarreiras alcunhas aldeãs, d'origem esquecida geralmente, ignorada e remota, e que ás vezes as gerações véem herdando como um odiado e picaresco patrimonio d'ignominia, indestructivel. De fóra, a Maruca descompunha-se em movimentos disparatados d'animal que arremette, com o lenço descahido, esguedelhadas as tranças, alta, remexendo a roda das saias n'uma desordem, e sustendo debaixo d'um braço, desamoravelmente, o filhito choroso e atemorisado; a Delfina, postada á sua porta, bombeando o enorme ventre, replicava sem fadiga, com as faces esverdeadas de sanha; e nunca cessariam de se esbofetear uma á outra com o comprovamento reciproco das suas raças ruins, se não sobreviesse o Estevam, que parou a admirar aquella incruenta contenda atroadôra, todo espantado de encontrar na sua frente a Maruca, rôta e sinistra, com a creancinha sobraçada, lembrando lhe — n'um accesso atormentador de superstição — como que uma sobrenatural sombra maldosa, vingadôra do derradeiro crime do seu cio bruto.

Quando viu perto o seu homem, a Delfina desandou n'um chôro derramado, n'uma queixa d'ente magoado e fraco invocando soccorro; e, longamente, soluçando e assoando-se, narrou-lhe como a bebeda da Maruca a viera atentar, e se atrevera a desfeiteal-a, alli mesmo, em sua casa! Mas a outra investiu promptamente com o Estevam, philosophando á pressa que não permittiria a vontade dos ceus que o filho, perfeita obra d'elle, se tornasse um verdadeiro castigo — só para ella; e trazia lh'o então, para que tomasse conta do pequerricho desamparado, coitadinho! E ternamente:

— Abençúa este innocente, que é o teu retrato pintado! E lindo, que nem um amor dos paineis!

O moleiro sahiu do seu atordoamento lôrpa, e resmungou apenas, senhor de si:

— Oh creatura, tu estás areada, ou emborrachaste-te, pelos modos! Súme-te da minha vista, quanto antes; senão, inda apalpas co'as costellas o cabo da minha enchada!

Intimidada e submissa, ella desarmou-o:

— Fostes a minha desgraça, causador dos meus peccados! E agora, vá, malha-me ahi com cacetadas...

Retirou-se o Estevam; e, empurrando a mulher para dentro, aferrolhou-se no moinho, descansado e grosseiro, — não sem que atirasse duramente á Maruca um nome vil, pestilencioso de crapula, que a esparrinhou como uma lama abjecta. Suffocada de pejo, a moça amargurada arrepellou-se e gemeu, vertendo emfim as suas refreadas lagrimas, sentidamente; depois, com um vinco teimoso na testa, sentou-se no chão, persistindo na sua birra, possuida do inabalavel proposito de não ceder. Succedêra, porém, que os garotos atanazadôres dos patos, attrahidos pelo berreiro das duas mulheres, tinham acorrido n'um galope, para assistir á espectaculosa scena do ralho, avisinhando se cautelosamente, e escondendo-se detraz d'uma tapagem de sabugueiros e tojos; e, assim que pilháram a Maruca isolada, rodearam-n'a todos, sem ceremonia, affectando de caçoada uns ares condoídos. Amigo de bedelhar, o filho do Cacheiro até lhe deu um conselho:

— Mal de si, se desafia aquel'home, que é levado da cramona! Isso, zurra-lhe uma tosa no espinhaço c'o rabo da sachola, que a aleija.

Moderadamente, a Maruca mandou-o á sua vida; que não se importasse com ella. E retrucou o marôto:

— Mas é que buncê nun governa aqui!

Então, n'uma ira, ella ergueu-se para o espancar, como se a invadisse a gana de descarregar, sobre o petulante rapazola, todo o seu furor accumulado e concentrado; mas elle recuou, ligeiro, pegou em pedras rapidamente, e não a deixou avançar. Ao mesmo tempo, os companheiros ajudáram-n'o, e a Maruca achou-se n'um instante envolvida n'uma violenta fuzilaria de calhaus zunidôres e contundentes. E debalde ella procurou socegal-os; teve de fugir, desesperadamente, largando á desfilada por um difficil trilho, que seguia á borda do Bestança. Mudos, ferozes, os bandalhos calcavam, do lado de cima, as terras cavadas e semeadas, perseguindo-a sempre, n'um encarniçamento selvagem; e a cada lapada que lhe acertava, a Maruca soltava um clamor dorido e rouco, curvando se e cobrindo com o seu corpo o filho, bem apertado contra o peito anciante. Foi uma terrivel correria extenuadora; e o perigo aggravou se medonhamente no areial do Douro, onde os desalmados despediram contra ella tantas sibilantes jogas chatas e polidas, de golpes cortantes, que a Maruca, afflicta, gritou: — «áquil de rei! áquil-de-rei!» — interminavelmente, sentindo já as pernas quebradas de cansaço, e os olhos turvos d'uma vertigem. Por fortuna, o barqueiro da passagem acudiu-lhe sem demora, dispersou indignadamente com uma comprida pá os gaiatos rixentos; e transportou na sua barca para a outra banda a lacrymosa rapariga, apedrejada pelo rapazio como uma cadella raiventa. Os malandrins, muito anchos e gabando-se do seu scelerado feito, ficáram na praia emquanto ella atravessava o rio, como pretendendo tolher-lhe que voltasse para traz e desembarcasse de novo; e, regaladamente, viram aquella contristadôra mãe martyrisada conduzindo ao collo o seu filhinho engeitado de pae, derreada d'infortunio, e lamentando o mollôgro da sua jornada dolorosa, desapparecer devagar entre os fragoedos queimados da margem d'além.

(Continua) *Monteiro Ramalho.*

ORIGEM DO JORNALISMO EM PORTUGAL

(Continuado do n.º 296)

O jornalismo, essa maravilhosa vulgarisação do pensamento, tem actualmente em todos os povos uma influencia enorme. Deixemos o litterato M. Auguste Baron na sua *Historia da litteratura franceza do seculo XVII* chamar aos jornaes «producções ephemeras e annaes de bagatellas», e enaltecemos, como nos cumpre, a bella phrase do maior talento d'este seculo, que disse algures que «o jornal era destinado a matar o livro», e affirmou no seu *Notre Dame de Paris* «que a imprensa era o maior acontecimento da Historia».

Aimé Martin chamou aos jornaes «folhas ephemeras, obras infinitas, que hoje fenecem para amanhã renascerem». O elegante auctor das *Cartas a Sophia* e da *Educação das familias* saudava assim com verdadeiro jubilo e a proficiencia do seu robusto talento, o grande numero de folhas periodicas que saiam dos prelos francezes (1).

«Dai-me um ponto de apoio, e eu levantarei o mundo», disse um dia Archimedes ao rei Hieron.

E, effectivamente, o ponto de apoio que o celebre geometra pedia para levantar o globo, e que de certo o tyranno de Syracusa não lhe podia dar, foi mais tarde encontrado. Ninguem exclamou: *Eurecka!* ninguem bradou aos quatro ventos do mundo: *Inveni!* — foi a marcha evolutiva dos acontecimentos que se seguiram á prodigiosa invenção de Guttemberg e trouxeram comsigo os progressos das instituições politicas dos povos. O miraculoso alvião que havia de levantar o mundo e fazel-o estremecer d'um a outro polo, essa poderosa e terrivel alavanca foi o JORNALISMO: o ponto de apoio, a OPINIÃO PUBLICA.

Claramente se deprehende que tão poderosa arma devia operar uma transformação completa em todo o globo.

E assim foi:

Cidades, reinos, imperios, desabaram sob a sua magnetica influencia, e muitos colossos, que se julgavam fortes e poderosos, cahiram com o maior estrondo, para outros surgirem d'entre o pó das ruinas.

A curiosidade dos povos — essa curiosidade insaciavel — a avidez d'essas serpentes de mil cabeças, achou-se satisfeita: a relação dos factos, as ideias, as doutrinas se alastravam prodigiosamente como a luz do sol se alastra pelo firmamento, espargindo-se profusamente em caudaes de luz vivissima e derramando na sua passagem os suavissimos perfumes das flores mais puras do coração e os reflexos mais sublimes do cerebro do homem. Esses reflexos sublimes iam calando nos povos, corrigindo-lhes e amenisando-lhes os costumes, instruindo-os, aperfeiçoando-os, apertando-lhes os laços que deviam identifical-os, confraternisal-os no mais santo, no mais nobre e apertado dos amplexos.

Eis o grande fim da imprensa periodica; eis o vasto campo onde essa sublime instituição havia de estender o seu imperio; eis o areopago que d'ahi em deante havia de dar as leis e impor a sua vontade ao mundo civilisado.

Os edificios mais solidos ella os derrocava, e as hossanas, os hymnos da victoria, os canticos de louvor d'essa grande voz da civilisação iam reperc-cutir-se por todos os angulos da terra, fazendo não poucas vezes vacillar a corôa na cabeça do tyranno e tremer o sceptro na dextra potente que o segurava.

O livro das novidades europeias que de tempos a tempos sahia quando ellas precisamente já deixavam de interessar, fechava-se e se escondia nos limbos dos archivos para dar logar ás publicações periodicas, que, semana a semana, dia a dia, iam apparecendo, sempre novas, frescas, viçosas, e que eram vendidas ao alcance de todas as bolsas e lidas com a maior avidez. N'ellas se iam photographando a sociedade, n'ellas se iam accentuando as opiniões dos homens illustrados e as suas sensações mais ou menos apaixonadas, á medida que as convulsões politicas se iam desenvolvendo ou acalmando. N'ellas emfim se desvendavam mysterios e punham a descoberto muitas coisas tenebrosas que até alli passavam por segredo do estado e por enygmas indecifraveis.

Começava a SOBERANIA DO POVO e com ella a alvorada das suas regalias e do seu bem-estar.

Então appareceram as *Gazetas* e os *Mercurios*, que constituiram a infancia do jornalismo (1), como já dissemos.

Francfort, Veneza, Amsterdam, Anvers, Paris, Londres, Madrid e tantas outras capitaes da Europa, entraram n'essa cruzada grandiosa no começo do seculo XVII.

A Allemanha foi das primeiras que caminharam na vanguarda, publicando as suas *Relationum*, ou *Relações historicas*, e os seus *Zeitungen (gazetas)*. Foram essas as suas primeiras folhas de avisos, como então se chamavam.

Já a esse tempo se publicavam em Veneza as *Fogli d'avisi*, ou *Notizie scritte*, affixadas nos sitios mais concorridos do publico. Algumas d'ellas continham as noticias de guerra entre os venezianos e a Turquia, guerra chamada da Candia e Morea, que tão desastrosa foi para o commercio de Veneza e que lhe destruiu o seu dominio nos mares. Foi pois a necessidade de saber noticias da guerra que introduziu as chamadas gazetas, que eram lidas com a maior viva curiosidade.

Em Anvers appareceu em 1605 uma gazeta intitulada *Newe Tijdinghe (Nova Gazeta)*, o que denota que anterior áquella data já se publicavam nas provincias meridionaes dos Paizes Baixos folhas noticiosas. O *Newe Tijdinghe* publicou-se durante longos annos, só deixando de existir em 1827 depois da reunião da Belgica á Hollanda sendo posteriormente substituida pela celebre *Gazeta de Antuerpia*.

A Hollanda occupa um dos mais distinctos logares na vanguarda d'esses gloriosos apostolos da civilisação europeia. Os seus jornaes começaram a apparecer com a denominação de *Krant*, que significa o mesmo que *folha* ou *gazeta*, seguindo-se-lhe o nome da cidade onde era publicada. A mais antiga que se conhece tem a data de 23 de maio de 1622 (1). Contém artigos politicos, annuncios e noticias commerciaes, o que prova que o *annuncio* não é tão moderno como se pretende fazer acreditar.

A Inglaterra apresenta como sendo o seu primeiro periodico *O Mercurio Inglez*, publicado por ordem da rainha Isabel, com o fim de espalhar algumas noticias que aquella rainha se interessava em tornar publicas e desmentir certos boatos que os seus inimigos faziam circular. O *Mercurio Inglez* apparecia porem em periodos tão irregulares e affastados uns dos outros, que não se pode considerar como jornal. Ha mesmo quem refute a authenticidade d'este jornal e pretenda delimitar a origem da imprensa periodica ingleza aos *Weekly News*, de Nicolau Burne, aos quaes se seguiu essa alluvião de *new-papers* que inundou a Europa.

O *Weekly News* foi o precursor do *Mercurio Britannico* de Needham, tão notavel pela sua venalidade, e traduzido em muitas nações pelas interessantes noticias que trazia e pelos incensos que levantava ao partido realista e depois a Cromwell, o adversario da realeza!...

Em 1609 a França, sob o reinado de Henrique IV, fazia publicar um prospecto da sua primeira gazeta. As noticias deviam sahir alli em verso rimado:

> La Gazette em ces vers
> Contente les cervelles.
> Car de tout l'univers
> Elle reçoit des nouvelles.

Parece que não passou do programma, mas a ideia germinou, porque em 30 de maio de 1631 o medico Teofrasto Renaudot apparecia com o primeiro numero da sua gazeta, que tão celebre se havia de tornar. Conta-se que o habil clinico, antes de as ter publicado, as fazia escrever e distribuir pelos seus doentes com o fim de distrahil-os. Era uma especie de calmante ou anodyno, porque quanto mais interessante era o *medicamento*, tanto menos o enfermo se preoccupava com os incommodos da sua doença. Luiz XIII e o cardeal Richelieu patrocinaram muito esta publicação.

Dinamarca (1663), Suecia (1644), Noruega (1763), a Turquia (1795), Suissa e outras nações cultas seguiram as pisadas das suas antecessoras e principalmente esta ultima, que hoje, apesar de ser um dos mais pequenos estados europeus, possue relativamente o maior numero de publicações periodicas.

A peninsula hispanica não ficou insensivel a esse movimento litterario que ia revolucionar todo o mundo, a essa torrente que — segundo a phrase do proprio Renaudot — havia de reforçar se pela resistencia, como rugem e engrossam os rios caudalosos ante os obstaculos que se oppõem á sua carreira impetuosa.

Em 1661 publicaram-se em Madrid umas *Relaciones* ou *Gacetas de los sucesos politicos y militares de la mayor parte del mundo*, das quaes sahiram apenas sete numeros, seguindo-se-lhes a *Gaceta Nueva*, que appareceu logo no seguinte anno.

Esta foi seguida da *Gaceta ordinaria de Madrid*, que, a seu turno, foi continuada pela *Gaceta de Madrid*, percursora da actual *Gaceta del Gobierno*, cujo 1.º numero sahiu em 1 de julho de 1820, e que appareceu com o regimen constitucional (1).

(Continua) *Silva Pereira.*

(1) A França era então, como sempre tem sido, o paiz onde se publicava maior numero de jornaes.

Segundo uma estatistica extrahida do *Diccionario dos Contemporaneos*, de Varapeau, vemos que a França, sendo o estado europeu que maior numero de jornaes tem publicado, não se acha comtudo na 1.ª ordem se attendermos á media dos jornaes publicados em relação á sua população.

Vejamos em 1826:

Estados europeus	População	Numero de jornaes	Proporção media
Dinamarca	1.950:000	80	1 : 24:000
Paizes Baixos	6.[illegible]43:000	160	1 : 41:000
Prussia	12.464:000	28[illegible]	1 : 43:000
Confederação Germanica	13.600:000	30[illegible]	1 : 45:000
Gran-Bretanha	23.[illegible]00:000	483	1 : 48:000
Suecia e Noruega	3.866:000	81	1 : 48:000
França	32.000:000	490	1 : 65:000
Suissa	1.980:000	30	1 : 66:000
Portugal (*)	3.530:000	17	1 : 207:000
Austria	32.000:000	80	1 : 400:0[illegible]0
Russia e Polonia	[illegible]6.514:000	84	1 : 672:000
Hespanha	13.[illegible]00:000	16	1 : 8[illegible]8:000
Resto da Europa incluindo a Italia	28.000:000	38	1 : 737:000

Vejamos agora quarenta annos depois, isto é, em 1866:

Estados europeus	População	Numero de jornaes	Proporção media
Suissa	2.500:000	300	1 : 8:000
Hollanda	3.300:000	22[illegible]	1 : 15:000
Belgica	4.700:000	275	1 : 17:000
Dinamarca	2.000:000	100	1 : 20:000
Inglaterra	28.000:[illegible]00	1:260	1 : 23:000
França	37.000:000	1:[illegible]0	1 : 25:000
Prussia	18.000:000	700	1 : 25:000
Suecia e Noruega	[illegible].200:000	1[illegible]0	1 : 34:000
Italia	27.000:000	500	1 : 54:000
Hespanha	15.800:000	200	1 : 75:000
Austria	38.000:000	30[illegible]	1 : 10[illegible]:000
Russia	66.000:000	200	1 : 330:000

(*) Esta nota de Vapereau está inexacta por deficiente quanto a Portugal. N'esse anno o nosso paiz possuia perto de 30 jornaes. Em 1866 nada apresentava com referencia ao nosso paiz, que tinha então em publicação cento e tantas folhas periodicas! Eis como as estatisticas estrangeiras nos são favoraveis!...

E preciso não olvidar os Estados Unidos da America do Norte que é hoje a nação do mundo que contem maior numero de folhas periodicas.

(1) Chamavam se *gazetas* porque se pagava para as ler nos logares publicos onde eram affixadas *uma gazeta*, moeda veneziana equivalente aos nossos *cinco reis*.

(2) O titulo era: *Noticias semanaes da Italia, da Allemanha*, etc. O 1.º numero foi traduzido em Londres com o seguinte titulo: *The Weekly News from Italy, Germany, etc., translated out of the law dutch copie.*

(1) A liberdade da imprensa foi outhorgada na Hespanha em 1812, mas, em 25 de abril de 1817, o rei Fernando VII ordenou que não se publicasse em Madrid, nem em ponto algum do reino, outros periodicos que não fossem a *Gaceta* e o *Diario*. Em 1820, com o governo constitucional, tomou grande vôo a imprensa periodica... o que diminuiu em 1823, quando o rei tornou a ser absoluto... Em 1868, pela revolução de setembro, a liberdade da imprensa produziu uma verdadeira chuva de periodicos... *(Tabla cronologica de los Periodicos de Madrid por Eugenio Hartzenbusch. Madrid 1876.)*

VICENTE JORGE DE CASTRO

IV

Vicente Jorge de Castro affirmou de maneira notavel os seus primeiros passos na typographia portugueza, e se a reforma que emprehendeu na caixa de composição foi prova da sua grande aptidão e intelligencia, os seus trabalhos typographicos feitos com filetes de zinco, não valemme nos que aquella, tanto pela novidade como pela execução.

A applicação immediatamente pratica d'esses trabalhos, foi alem da composição de rotulos para commercio; compoz com filetes de um, dois e tres pontos, figuras geometricas ou de desenho linear, o que se póde vêr no *Methodo graphico para se aprender cam muita facilidade os elementos de geometria pratica, e o desenho linear.*

Este compendio in folio, de que foi auctor o professor da Academia de Bellas Artes de Lisboa, José Antonio Sequeira, é hoje raro. Nós possuimos um exemplar e podemos affirmar que a execução das figuras lineares obtidas com filetes de zinco é perfeita, e acima d'este nosso juizo está o jury da Exposição Universal de Paris de 1855, que conferiu ao auctor d'este trabalho uma medalha de cobre.

Esta recompensa foi depois julgada insufficiente, e o governo portuguez resolveu distinguir por sua parte Vicente Jorge de Castro e mais dois expositores, José Maria da Fonseca e Polycarpo Lisboa julgados nas mesmas condições

Quando se fez a distribuição dos premios conferidos aos expositores portuguezes, n'aquelle

certamen das artes e da industria, na Academia Real das Sciencias, em sessão especial presidida por el-rei D. Pedro V, foi o proprio monarcha que collocou no peito dos tres expositores mencionados o habito da Torre Espada.

Em 1857 concorreu á exposição do Porto com estes e outros trabalhos, que o jury premiou com uma medalha de prata, e premio egual teve tambem na exposição de 1865 realisada na mesma cidade.

Em 1862, concorrreu Castro á exposição de Londres com os seus trabalhos de filetes de zinco, enviando as formas typographicas e respectivas provas impressas, porém, razões que nunca se puderam apurar, mas a que não seria extranho o desleixo, fizeram com que estes trabalhos não apparecessem á apreciação publica e do jury, e jazessem dentro das caixas em que tinham sido conduzidos, no chão, debaixo de uma mesa sobre a qual estavam estendidas esteiras de tabua e capas de palha para homens, como productos mais proprios a considerarem-nos como esquimaus, do que como povo industrioso e de uma civilisação adeantada.

Este facto influiu sensivelmente no espirito de Castro, que viu n'elle mais que uma obra de acaso ou descuido, e resolveu não concorrer a mais exposições alem da de 1865 do Porto, como já dissemos, para satisfazer a instantes pedidos que lhe fizeram.

Esta abstenção se o privou de receber novas recompensas nos grandes certamens das industrias, que lhes viessem avigurar o enthusiasmo pela sua querida arte, não o privou de progredir sempre no aperfeiçoamento dos seus trabalhos, chegando a produzir obras das mais perfeitas que tem sahido da typographia portugueza.

(Continúa) *Caetano Alberto.*

Fig. 1

Fig. 2

Fig. 3

O MAL DOS CARNEIROS E DOS PORCOS —**Vid. artigo "Actualidades Scientificas"**

RESENHA NOTICIOSA

Academia portugueza de amadores photographos. Celebrou a sua sessão inaugural no dia 17 do mez findo esta Academia, recentemente creada por alguns distinctos amadores photographos. Presidiu á sessão, na ausencia do presidente de merito o sr. Antonio Augusto d'Aguiar, o sr. Paulo Benjamin Cabral o qual fez um elegante discurso expondo os fins d'esta reunião e agradecendo ás damas e cavalheiros que assistiam áquella sessão solemne. O sr. Eduardo Coelho Junior expoz quaes os fins a que se propunha a Academia, demonstrando a sua utilidade como elemento de civilisação e progresso. Em seguida encerrou-se a sessão e declarou aberta a exposição de photographias com que a Academia celebrava a sua primeira sessão. Entre os trabalhos que havia expostos, alguns muito notaveis, viam-se magnificas execuções dos srs.: Carlos Relvas, Camillo dos Santos, Antonio Ferreira, H. Garland, H. Oakley, Austin Godfrey, H. Silveira, Joaquim Sequeira, P. Plantier, Augusto Lamarão, D. Luiza Lamarão, Joaquim Basto, J. Azevedo, Caetano Silva, Victor Sassetti, José Alves, J. Camellier, J. Coelho, A. Benarus, D. Alice Silveira, e Eduardo Coelho Junior. Estimaremos vêr progredir esta nova instituição, como mais um elemento civilisador e util para a sociedade portugueza.

Moedas antigas. Morreu o anno passado, em Lisboa, um ferrageiro estabelecido no largo do Corpo Santo, ao qual foram encontradas entre outro dinheiro e objectos de valor, algumas moedas antigas, o que tudo foi depositado na Caixa Geral dos Depositos. Um dia d'estes fez-se leilão d'essas moedas e entre as que obtiveram maior preço conta se uma moeda de 10 réis do reinado de D. Pedro II, que foi arrematada por 7$000. Abençoados 10 réis.

Um quadro de preço. Diz-se que entre os muitos objectos de grande valor artistico, existentes no expolio do sr. Antonio Maria Fidiè, ha pouco fallecido, ha um quadro pelo qual o sr. Fidié pediu a um inglez que o queria comprar 400:000$000. Que quadro será este?!

Exposição d'esculptura. O sr. José Pereira Lima Santos, distincto esculptor, discipulo da Academia de Florença, onde foi premiado em 1884, realisou uma exposição dos seus trabalhos d'esculptura, nas salas do *Commercio de Portugal.* Á abertura d'essa exposição assistiu el-rei D. Luiz e a rainha D. Maria Pia, que elogiaram os trabalhos do sr. Santos, notando sua magestade a rainha, em especial, um busto do rei Victor Manuel, executado em marmore de Carrara. O sr. Santos offereceu este busto a sua magestade que se dignou acceital-o. Figuraram mais n'esta exposição, que nós não tivemos occasião de vêr, uma estatua de tamanho natural de D. Alvaro Abranches, um busto do actor Antonio Pedro, mais dois bustos representando um *Avaro* e a *Alegria,* um esboceto de Guttemberg, dois baixos relevos premiados pela Academia de Florença, etc.

Fallecimento. Falleceu de repente no dia 29 do mez que findou, o sr. Darlaston Shore acreditado negociante d'esta praça e presidente da Associação dos Bombeiros Voluntarios de Lisboa. A sua morte foi muito sentida em Lisboa, onde Shore gosava das maiores sympathias, tanto pela honradez do seu caracter, como pelo seu animo valoroso e humanitario tantas vezes provado, affrontando as chammas com coragem inexcedivel.

Um casal Liliputiano. Chegaram a Lisboa, procedentes de Madrid, dois conjugues pigmeus extremamente curiosos. O homem intitula-se marquez de Nolge, tem 32 annos de idade, pesa 9 kilos e meio e mede 28 polegadas de altura; a mulher intitula-se marqueza de Luizia, tem 23 annos de edade, pesa 10 kilos e mede 29 polegadas de altura. Este interessante casal vae mostrar-se ao publico a um tanto por cabeça.

Exposição nos Açores. Projecta-se em Angra do Heroismo uma exposição de productos da industria açoriana e madeirense, a qual servirá de preparação para ser dignamente representada a industria dos Açores e da Madeira, na futura exposição industrial de Lisboa em 1888 e na universal de Paris de 1889. A iniciativa d'esta exposição é do sr. conde da Praia da Victoria, governador civil de Angra.

Cantora celebre. Deve chegar brevemente a Lisboa M.me Materna, a grande cantora da musica de Wagner.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Mendes Leal Junior, *memorias varias politicas, litterarias e bibliographicas,* por Brito Aranha. Um volume de 162 paginas, adornado com um retrato de Mendes Leal, e impresso na Typographia Universal. Lisboa, 1886. Este livro constitue o *Brinde aos senhores assignantes do Diario de Noticias em 1886,* que a empreza d'este jornal ha vinte e dois annos offerece aos seus numerosos leitores. O assumpto para este livro, que é um brinde litterario, não podia ser melhor escolhido. Mendes Leal é uma das grandes glorias litterarias de Portugal, e o livro do sr. Brito Aranha põe bem em relevo o valor d'aquelle grande espirito, seguindo passo a passo a vida do notavel poeta, dramaturgo e diplomata, que durante quasi meio seculo illustrou a sociedade portugueza com as suas obrrs e com os seus relevantes serviços ao paiz. Uma relação de todas as obras litterarias de Mendes Leal, assim como dos periodicos em que collaborou, completa este bello livro do sr. Brito Aranha, digno continuador do Diccionario Bibliographico de Innocencio Francisco da Silva.

Bibliotheca do Povo e das Escolas, David Corazzi, editor, Lisboa. N.º 142 *Trigonometria,* por João Maria Jalles, capitão de artilheria. Esta util collecção de livrinhos destinados a derramar a instrucção, contem já um bom numero de compendios que tanto podem aproveitar ao leitor curioso como ao estudante. N'este caso está o de *Trigonometria,* agora publicado.

Revista Africana, *publicação mensal,* director J. P. da Silva Campos Oliveira. Moçambique, Imprensa Nacional. O n.º 3, que temos presente, publica uma gravura dos Paços do Concelho de Moçambique, e na parte litteraria collaboram com bellos artigos e poesias os srs Alberto Rocha, Simeão de Oliveira, A. de Castilho, Campos Oliveira, etc. É uma boa publicação que honra a imprensa portugueza d'aquelle paiz.

Companhia Real Promotora de Agricultura Portugueza, *relatorio da direcção sobre a sua gerencia no anno de 1886 com o respectivo balanço e parecer do conselho fiscal.* Esta importante companhia á testa da qual se acham como directores os srs. Julio Augusto Ferraz, Jayme Arthur da Costa Pinto e Jorge de Mello, teve de lucros no anno findo 43:357$762 réis, dos quaes deduzidas as despezas de expediente e administração, deu um saldo de lucro liquido de 29:724$143 réis. O estado d'esta companhia é prospero e grande a sua utilidade para o desenvolvimento da agricultura portugueza.

Vinte mil leguas submarinas, segunda parte *O fundo do mar,* por Julio Verne, traducção de Francisco Gomes Moniz. Mais um volume da grande edição popular das *Viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos,* dada á estampa pelo editor David Corazzi.

Ampère, *biographias de homens celebres dos tempos antigos e modernos.* David Corazzi, editor, Lisboa. O n.º 20 d'esta interessante bibliotheca de pequenos livros, trata do sabio Ampère, uma das intelligencias mais robustas da França e cuja extraordinaria aptidão chegou a todos os ramos da sciencia humana.

Typ. Elzeviriana.—Rua do Institto Industrial, 23 a 31 — Lisboa.